

MANUAL DOS

SUPERSINAIS

DA ANÁLISE TÉCNICA

Guia completo para Investimentos
Lucrativos na Bolsa de Valores

Carlos Martins



ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2020

SUMÁRIO

Introdução	1
Ações e Especulação	3
A Tomada de Decisão	5
1. Iniciando a Análise Técnica	11
O Que é Análise Técnica	11
Teoria de Dow	13
Topos e Fundos: Força e Fraqueza de Tendências	18
Suporte e Resistência	21
Figuras	26
Médias Móveis	34
MACD	38
Índice de Força Relativa	43
Fibonacci	45
Ponto de Pivot	51
O Patamar Correto do STOP	53

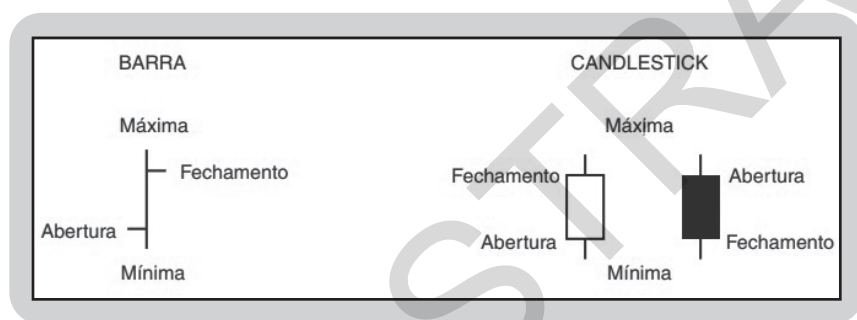
2. Indicadores Avançados	57
Agulhadas – Didi Index	57
Bandas de Bollinger	60
GAPs e Ilhas de Reversão	62
Movimento Direcional (DMI)	69
Estocástico	71
Parabólico SAR (Stop and Reverse)	75
3. Os Supersinais	79
O Supersinal	84
Acumulação Estatística	87
Superacumulação Estatística	89
Super MMS – Gráficos Intraday	91
Super MMS – Gráficos Semanais	94
Super MMS – Diário	99
Supercandlesticks – Três Padrões de Alto Desempenho	101
4. Estratégias de Operação	115
Day Trade: Boas Práticas	115
Day Trade: Exemplo	117
Swing Trade	122
Método CM para Swing Trade	124
Alternativas para Rentabilizar Carteiras	135
Da Teoria à Prática	139
Índice	145

1. INICIANDO A ANÁLISE TÉCNICA

O QUE É ANÁLISE TÉCNICA

A **ANÁLISE TÉCNICA**, ou gráfica, é uma forma de estudar as cotações passadas de um ativo (como a ação de uma empresa) por meio de um gráfico característico, encontrar padrões de alta e de baixa e aplicá-los ao futuro, criando previsões de desempenho tanto de preço como de tempo de duração de uma operação.

Para que a análise seja feita, é necessário dividir as cotações em períodos predeterminados, como dias, semanas ou meses. É também muito comum utilizar períodos bem menores, de minutos, como um minuto, dois minutos e assim por diante, normalmente até o máximo de 120 minutos. Uma vez decidido o período a ser analisado, é preciso desenhar o gráfico, e para isso podemos utilizar alguns tipos de gráficos:



Se o período escolhido for o diário, cada passo do gráfico será equivalente a um dia de negociação. Nesse caso, a simbologia utilizada poderá ser de barra (americana), com o preço de abertura do dia sendo o traço à esquerda, o fechamento o traço à direita e a máxima e a mínima os extremos da linha vertical. Apenas esses quatro preços são simbolizados, não importando se houve mais negócios em outros preços nesse intervalo. Podemos utilizar também o gráfico japonês de *candlestick* (candelabro), ou seja, um conjunto de *candles* (velas), que têm esse nome por se parecerem com tais objetos. Os *candles* têm a mesma notação da barra, porém são acrescentadas de cor: se o fechamento é superior à abertura, ficam verdes ou brancas, e se é inferior, ficam vermelhas ou pretas. Há também gráficos de linha que utilizam apenas os preços de fechamento, ignorando todos os outros, mas não serão usados em nossas análises. Utilizaremos em todas as análises

deste livro o gráfico de *candlestick*, por ter mais informações que o gráfico de barras, utilizando o mesmo espaço físico.

Desenhando um *candle* para cada dia, teremos um gráfico de ação pronto. Atualmente, não se desenhavam mais gráficos em papel ou em planilhas eletrônicas; é praticamente impossível fazer uma análise gráfica sem o auxílio de um software específico. Entre as funções do software estão: atualizar os gráficos automaticamente com novas cotações, permitir a inserção de objetos dentro dele, como retas e textos, calcular estudos matemáticos predefinidos e customizados e, não menos importante, salvar tudo isso para que o investidor não precise repetir a mesma análise todos os dias.

A análise gráfica moderna teve início com Charles Henry Dow, nos Estados Unidos, no final do século XIX, e vem evoluindo desde então. Bem antes disso, no mercado de arroz do Japão feudal do século XVII, uma arte de análise de *candlestick* surgiu. Ela será tratada neste livro de forma pragmática, simples e visando ao lucro – que me perdoem os estudiosos, pois simplifiquei e automatizei esses maravilhosos padrões, que aqui foram resumidos a apenas três tipos.

TEORIA DE DOW

Como já citado, abordaremos um tema precursor de toda a Análise Técnica moderna, a *Teoria de Dow*, que leva o nome de seu idealizador, Charles Henry Dow. Essa teoria analisa os preços históricos de um índice ou ação e define três fases para uma tendência.

A princípio a teoria se baseava nos índices Dow Jones Industrial e Dow Jones Transportation (no início do século XX), mas hoje é aplicada a qualquer índice ou ação e é conhecida por ter mostrado ao mundo, e ser até hoje, a base da análise técnica.

Essa teoria é utilizada em gráficos de longo prazo, como o semanal ou mensal, e não tem por objetivo definir sinais de compra e venda, mas sim identificar possíveis exaustões de tendência, preparando o investidor para reversões de preço.

A Teoria de Dow segue algumas regras:

1. Os preços já descontam as notícias e os eventos que podem influenciá-los; desse modo, quando uma notícia ou evento for divulgado, seu resultado será previsto por parte dos investidores e precificado no valor das ações. Quando algo maior ocorre, como o atentado de 11 de Setembro às Torres Gêmeas nos Estados Unidos, a tendência de curto prazo pode ser afetada, mas não a de longo prazo.
2. As tendências sempre ocorrem em três fases, uma de longo prazo, ou primária, uma de médio prazo, ou intermediária/secundária, e outra de curto prazo, ou diária/terciária. Identificando essas tendências, um investidor pode decidir quando é hora de entrar ou sair do mercado.
3. A tendência atual vale até ser revertida, ou seja, o mercado está sempre em tendência de alta ou de baixa.
4. A tendência deve ser confirmada por dois índices. Quando ações são analisadas, a tendência deve ser confirmada utilizando as ações ordinária e preferencial da mesma empresa ou as ações das duas maiores empresas do setor.
5. Os volumes negociados são importantes. Assim, em uma tendência de alta, volumes mais altos são esperados quando o preço sobe, e mais baixos quando o preço é corrigido e cai. O contrário é esperado nas tendências de baixa.

6. Uma tendência só acaba quando ocorre o sinal definitivo de sua reversão.

Aplicando as regras:

1. Partindo da regra número 1 (os preços descontam outros eventos), é possível operar apenas olhando para os gráficos.
2. As fases na tendência de alta ou baixa são distintas.

Fases do mercado de alta:

1. Esta fase é marcada pelo final de uma tendência anterior de baixa, por isso é chamada de *Acumulação*, ou seja, quando alguns investidores não deixam o preço cair para novas mínimas e o mantêm em certo patamar efetuando compras constantes.
2. Ao perceber que os preços deixaram de cair, uma nova leva de investidores identifica uma possível reversão de tendência e também começa a comprar, o que faz com que os preços passem a subir e gerem novas máximas. Essa fase é a *Alta Sensível*.
3. Motivados pela alta ocorrida até então, os demais investidores começam a comprar, acreditando que o preço da ação continuará a subir por tempo indeterminado. Esse movimento leva o nome de *Euforia*. Nele, os novos investidores compram o que os mais experientes das Fases 1 e 2 já estão vendendo.

Fases no mercado de baixa:

1. Esta fase é marcada pelo final de uma tendência anterior de alta, e é chamada de *Distribuição*, ou seja, quando alguns investidores não deixam o preço subir para novas máximas e o mantêm em certo patamar efetuando vendas constantes e realizando os lucros da tendência anterior.
2. Ao perceber que os preços pararam de subir, os investidores seguidores de tendência identificam a reversão e começam a vender, derrubando as cotações e gerando novas mínimas. Essa fase é a *Baixa Sensível*.
3. Depois de uma queda no preço suficiente para assustar os últimos otimistas (em geral os mesmos que entraram na Fase 3 da tendência de alta), os demais investidores começam a vender, com o intuito de minimizar o prejuízo e encerrar suas posições. Esse movimento é conhecido como *Desespero*. Nele, os investidores que venderam na Fase 1 dessa tendência normalmente recompram suas posições por um preço bem mais baixo, embolsando a diferença de preço.
4. A tendência futura não pode ser adivinhada. Deve-se esperar os sinais de que ela mudou; por isso, enquanto não há certeza de mudança, ainda estamos na tendência atual, seja ela de alta ou baixa.
5. Para confirmar a tendência, sempre avalie dois índices ou duas ações. Se forem ações, utilize a ordinária e a preferencial da mesma empresa ou as ações das maiores empresas de um setor.

6. Para facilitar a percepção das fases já citadas, basta seguir a regra dos volumes. Em geral, quando a tendência é de alta, o volume é maior nos dias em que o preço sobe, e menor nos dias em que o preço é corrigido e cai. Isso se inverte na tendência de baixa, quando o volume é maior nos dias de queda e menor nos dias em que o preço é corrigido e sobe.
7. A tendência pode ter inúmeros sinais de médio prazo; por isso não tente adivinhar o que ocorrerá e espere que o sinal de reversão seja claro para operar. Essa espera costuma fazer com que os primeiros 20% a 25% da próxima tendência sejam perdidos, mas evita que entradas e saídas erradas ocorram – erros que podem ir consumindo seu patrimônio lentamente.

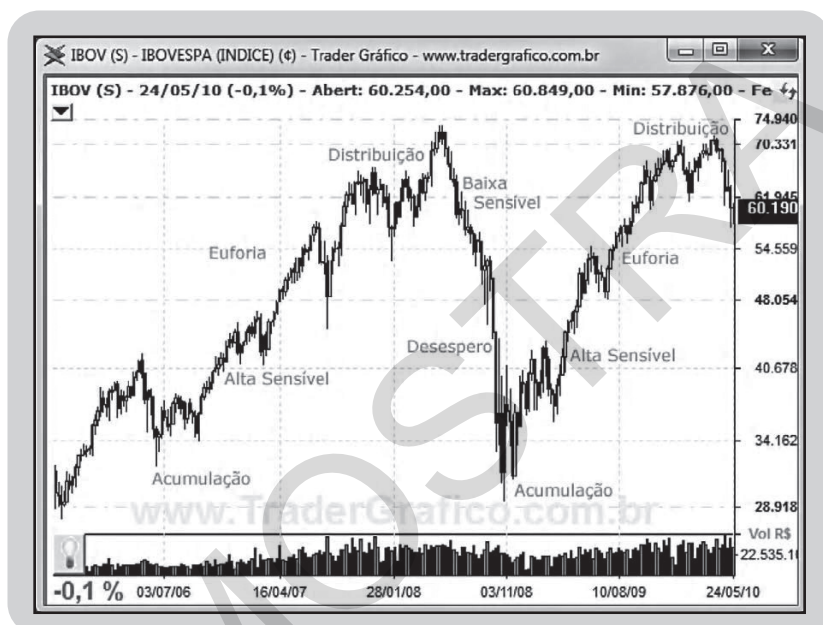
Na imagem a seguir, podemos ver um exemplo da Teoria de Dow em um gráfico semanal. A tendência primária, nesse caso uma tendência de alta, é formada pela sequência Acumulação, Alta Sensível e Euforia. Essas tendências duram, normalmente, alguns meses.

É possível notar que os preços não sobem direto, fazendo novas máximas; há períodos em que ocorrem correções e os preços caem. Esses períodos são chamados de tendência secundária ou intermediária, duram entre duas e quatro semanas e sempre vão no sentido contrário da tendência principal.

A tendência mais fraca é a diária ou terciária, que não pode ser observada neste gráfico, dura de alguns dias até duas semanas e dificilmente completa um mês.

Também é possível acompanhar no gráfico a seguir as três fases da Teoria de Dow na baixa, quando a velocidade dos acontecimentos é muito mais rápida. Notem que a Baixa Sensível e o Desespero são precedidos de um período de estabilidade, chamado de Distribuição, o equivalente à Acumulação, porém para as tendências de baixa.

Outra definição pode ser aplicada a este gráfico. Há sinais claros de reversão, primeiro quando a Baixa Sensível faz o gráfico cair abaixo de 54.559 pontos, perto de julho de 2008, e depois quando a alta é retomada, ultrapassando os 48.000 pontos, perto de julho de 2009.



TOPOS E FUNDOS: FORÇA E FRAQUEZA DE TENDÊNCIAS

Em momentos de grande oscilação e incerteza no mercado, é possível ganhar muito com oscilações de curto prazo. Mas para isso ocorrer, o

investidor deve estar preparado para identificar os momentos de continuidade e de reversão de tendências. Uma ferramenta muito simples, que resgatei como estudo e que funciona muito bem, são os *Topos e Fundos*. Ela será fundamental mais à frente, no *Método CM* para *swing-trade*.

Começamos pela definição de *Topo*, que é a sucessão de novas máximas por alguns *candles* até termos duas máximas mais baixas seguidas, deixando uma formação “montanhosa” para trás. Já no *Fundo*, ocorre o inverso, pois temos mínimas mais baixas seguidas até termos duas mínimas mais altas, deixando uma formação de “vale” para trás.

Apenas observar um gráfico pode ser o jeito mais fácil de encontrar topos e fundos, mas como eles não possuem a mesma formação, podemos ver um topo formado por dez *candles* seguido de um fundo formado apenas por três *candles* e acabar dando a mesma importância aos dois. Essa diferença entre o “tamanho da montanha” ou do “vale” é relevante, só que não conseguimos notar essa ordem de grandeza somente observando o gráfico. Para isso, precisamos definir uma regra e ter um software que nos auxilie.

O estudo de *Topos e Fundos* faz exatamente esse tipo de marcação. Ao ligá-lo, escolhemos quantos *candles* queremos acompanhar na formação de topos e fundos e o software marca dentro do gráfico apenas os topos e fundos que se encaixam nesse parâmetro, tornando-os comparáveis.

A seguir, um exemplo deste estudo:



Nesse gráfico, podemos ver círculos acima e abaixo dos candles marcando alguns topos e fundos, respectivamente, mas não todos. Também temos a interpretação do movimento, que não deixa de ser simples.

Quando temos um movimento de baixa, é normal termos fundos sequenciais, sem a formação de topos, e isso gera uma baixa sustentada. O primeiro topo marcado no gráfico demonstra a fraqueza do movimento e abre possibilidade de indefinição ou reversão. Quando o segundo topo é marcado, temos praticamente o encerramento da tendência anterior de baixa e ficamos aguardando novos sinais do gráfico para definir a próxima tendência. O contrário se aplica à alta.

O estudo de *Topos e Fundos* demonstra *força e fraqueza de tendências*, mas não é muito confiável para marcar pontos de compra e venda, apenas alerta o investidor para o fato de que a tendência atual está terminando ou acelerando, e que outros estudos gráficos devem ser utilizados nos sinais de compra e venda.

Para programá-lo, basta definir o mesmo número para contar máximas mais altas nas formações de topos e mínimas mais baixas nos fundos. Assim, verá topos e fundos de mesma força e poderá compará-los, tirando conclusões a respeito de uma tendência.

SUORTE E RESISTÊNCIA

As retas de suporte e resistência nada mais são do que barreiras de contenção dos preços. É extremamente importante compreender seu conceito para poder analisar graficamente os ativos. Os conceitos de suporte e resistência são utilizados para traçar canais de alta ou de baixa, figuras de continuidade e reversão ou simplesmente barreiras de preço, que podem ser mais fortes ou fracas.

Suporte é a barreira que está abaixo do preço atual do ativo. Desse modo, o preço deve *cair* para encontrar o suporte. *Resistência* é a barreira que está acima do preço atual do ativo; então o preço precisa *subir* para encontrar a resistência.

Suporte e resistência são nomes que se alternam, pois se o preço cai e ultrapassa a reta de suporte, automaticamente ela passa a ser uma reta de resistência. Sua força não é alterada quando ela é rompida, ou seja, se o preço rompe uma reta de suporte forte, esta passa a ser uma reta de resistência forte.

As retas de suporte e resistência são mais fortes ou mais fracas com base em duas variáveis:

1. Quanto mais horizontal for a reta, mais forte será a barreira. Isto é, se a reta de suporte ou resistência for horizontal ou quase horizontal, seu preço será bem definido, por isso será mais fácil de ser lembrado e mais difícil de ser rompido, o que a torna mais forte;
2. Quanto mais vezes o preço toca uma reta e recua, mais forte torna-se essa reta.

Agora, a explicação que fará tudo o que está escrito aqui fazer sentido: as retas só funcionam porque se baseiam nas lembranças dos investidores. Exemplo:

Quando você compra ou vende um ativo, o preço em que você fechou o negócio e o preço-alvo que espera atingir ficam fortemente gravados em sua memória. Se comprou na máxima de uma semana e o preço não subiu mais, forçando-o a realizar uma venda com prejuízo, você não comprará mais naquele patamar de preço.

Da mesma forma, quando compra bem próximo da mínima da semana e os preços sobem bastante depois dessa compra, fazendo com que você tenha lucro, vai se lembrar daquele preço como um bom preço de compra; e se o ativo voltar àquele patamar, você provavelmente repetirá a compra, na esperança de também repetir o lucro.

Esse efeito, causado pelas lembranças dos investidores, dá mais força a certos patamares de preço, tornando-os barreiras psicológicas, às quais damos os nomes de suporte e resistência. Na região de um

suporte forte, ou seja, que foi testado várias vezes e é representado por uma linha reta horizontal, o que se espera é que o preço interrompa a queda e volte a subir, criando oportunidades de compra para os investidores. O oposto ocorre com as retas de resistência.

Prestando atenção ao gráfico, é fácil perceber que as oportunidades de compra e venda são causadas pelos próprios investidores; portanto, é importante investir atento ao que a massa de investidores faz. Suportes e resistências não são retas mágicas de reversão de tendência; tendem a ser rompidos mais cedo ou mais tarde e você deve estar preparado para isso, cadastrando sempre um STOP (ordem de disparo automático pré-configurada em sua corretora, que será tratada mais à frente neste livro) em suas operações.

A seguir, um exemplo de retas de suporte e resistência. A reta de resistência está acima, mais grossa, no valor de R\$30,66. Já o suporte está embaixo, mais fino, a R\$26,02; ambas as retas estão acima do último preço, de R\$25,63.

A reta da resistência é mais grossa que a do suporte, para ilustrar o que acabou de ser descrito. Pode-se notar que há mais candles tocando a reta de resistência do que a de suporte, o que torna essa reta mais forte. Isso mostra a relação de força criada neste gráfico. É mais provável o rompimento ocorrer na reta de suporte do que na reta de resistência; por isso o preço cai e rompe o suporte, que é mais fraco.



Topos e fundos fortes, como explicado no tópico anterior, são bons pontos para traçarmos retas horizontais de suporte e resistência.

Para explicar como criamos retas de suporte e resistência intermediárias, com base nas duas que já existem, falaremos mais adiante sobre *Fibonacci*, suas relações e aplicações em gráficos.

Quando temos fundos ascendentes ou topos descendentes, podemos uni-los formando linhas inclinadas. Essas linhas são chamadas de linhas de tendência e têm as mesmas características de suporte e resistência. A diferença entre alta e baixa são os tipos de inclinação. Se uma linha é formada por fundos cada vez mais altos e aponta para cima, seu nome é *Linha de Tendência de Alta*, ou *LTA*. Se a linha for composta por topos cada vez mais baixos e aponta para baixo, seu nome é *Linha de Tendência de Baixa*, ou *LTB*.

Dois topos ou dois fundos são suficientes para traçarmos uma linha de tendência, porém é prudente aguardar um terceiro toque na linha para validá-la, ou seja, deixá-la mais forte para que suas operações tenham menor risco. A seguir, vejamos alguns exemplos de LTA e LTB, respectivamente.

